

A PROFECIA DOS GUERREIROS DE SHAMBALA

Segundo Joanna Macy, existem várias interpretações desta profecia. Algumas retratam a chegada do Reino de Shambala como um evento interior; uma metáfora da jornada espiritual individual, independente do mundo ao nosso redor. Outras a apresentam como um evento inteiramente externo que se desdobrará em nosso mundo independentemente de nossas escolhas ou de nossa participação na cura de nosso mundo. Uma terceira versão da profecia foi contada a ela por Choegyal Rinpoche, da comunidade Tashi Jong, no norte da Índia.

“Um tempo chegará quando toda a vida existente no planeta estará em perigo. Neste tempo, grandes poderes se levantarão, poderes bárbaros. E, ainda que estes poderes invistam suas riquezas nos preparativos para se aniquilarem mutuamente, eles têm muito em comum: armas de poder de morte e de devastação imensuráveis, além das tecnologias que capazes de destruir o nosso mundo. Será neste tempo, quando todo o futuro da vida consciente estará por um fragilíssimo fio, que o Reino de Shambala começará a emergir. É impossível ir até lá, pois não se trata de um lugar. Este reino existe no coração e nas mentes dos guerreiros e guerreiras de Shambala. Não se pode reconhecer um guerreiro de Shambala ao vê-lo, pois eles não usam nenhum uniforme, nenhum emblema, não carregam bandeiras. Eles não têm barricadas para subir e ameaçar o inimigo ou para, por trás delas, se protegerem ou descansarem, ou se reagruparem. Nem mesmo têm um território próprio, pois precisam se mover o tempo todo dentro do território dos bárbaros.

Agora é o tempo no qual grande coragem será requerida dos físicos e guerreiros de Shambala, tanto moral quanto física, pois elas deverão entrar no coração mesmo do poder dos bárbaros para desmontar suas armas. Eles entrarão nas grandes profundezas, dos bolsões e das fortalezas onde estão guardadas as suas armas e desmontá-las. E para desmontar as armas, literalmente, elas deverão acessar os corredores do poder onde as decisões são tomadas. Os guerreiros de Shambala sabem que estas armas podem ser desmontadas pois são manoyama, ou seja, uma fabricação da mente humana. Sendo assim, por serem produzidas pela mente humana elas podem ser desfeitas pela mesma mente. Os perigos que nos ameaçam não têm origem em alguma entidade

satânica, numa força maligna extraterrestre ou em um destino imutável preestabelecido. Ao contrário, eles emergem de nossas relações e hábitos, de nossas prioridades.

“Então”, disse Choegy, “está na hora dos guerreiros de Shambala começarem seu treinamento”. “Como elas treinarão?”, perguntou Joanna. “Elas treinarão o uso de duas ferramentas”, ele disse. Na verdade, ele usou o termo “armas”. “Quais são elas?”, Joanna perguntou, e ele levantou as mãos da mesma forma que fazem os dançarinos ao segurar os objetos rituais durante as grandes danças de seu povo. “Uma”, ele disse, “é a compaixão. A outra é a visão profunda sobre a interdependência radical de todos os fenômenos”. Precisamos de ambas. Precisamos da compaixão, pois ela nos oferece o combustível para nos mover até onde devemos estar e para fazer o que é preciso. Ela significa não ter medo da dor do mundo, e quando não temos medo da dor do mundo, nada pode nos deter.

Mas só essa arma não é suficiente.

Mas, sozinha, essa ferramenta é muito quente; ela pode nos queimar e esgotar. Então, precisamos da outra ferramenta, a visão profunda sobre a interconexão entre tudo o que existe. Quando a temos, sabemos que não estamos lutando uma batalha entre os bons e os maus. Sabemos que a linha entre bem e mal corre através da paisagem de todos os corações humanos. E sabemos que estamos tão entretecidos na teia da vida que mesmo nossos menores atos têm repercussões que ressoam através de toda a teia, muito além da nossa capacidade de ver. Mas essa visão profunda pode parecer meio fria, mesmo um tanto abstrata. Assim, também precisamos do calor da compaixão.